

A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO COMO ELEMENTO FORMADOR NO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DO POLO UAB – JUAZEIRO

Juazeiro – BA – Maio 2013

Roberta Machado Santos - Polo UAB Juazeiro/Universidade Federal do Vale do São Francisco – robertaui bai@gmail.com

Rosângela Gonçalves Cunha – Polo UAB Juazeiro/Instituto Anísio Teixeira/Secretaria de Educação do Estado da Bahia – rosecunha@oi.com.br

Luciana Vieira de S. Rodrigues - Polo UAB Juazeiro/Universidade Federal do Vale do São Francisco – luvieira39@hotmail.com

Rejane Maria P. A. Reis -- Polo UAB Juazeiro/Secretaria de Educação de Juazeiro-Ba – rejane_moraes@hotmail.com

Estratégias e Políticas: A

Educação continuada em geral: 5

**Globalização da Educação e aspectos culturais transfronteiros:
B/Gerenciamento e Organização: F/ Características de Aprendizizes: N**

Descrição de Projeto em Andamento: B

Experiência Inovadora: 2

RESUMO

A lei de diretrizes e bases da educação, nº 9.394/96, determina que o ensino de ciências na educação básica deve ser através de licenciados em nível superior. Surge no Semiárido, o Polo UAB Juazeiro-BA, com o curso de formação pedagógica em ciências biológicas. O Semiárido do nordeste brasileiro é caracterizado por apresentar um alto índice de pobreza e dificuldade de acesso à água, esta visão vigora na ideia e no imaginário social, levando-se, a compreender esta região pela representação da fome e da miséria. Essa imagem foi criada para favorecer uma elite brasileira, sendo preciso envidar esforços na tentativa de romper com esse cenário da artificialidade A educação desenvolvida no semiárido é sustentada sobre valores e concepções equivocadas sobre a realidade da região. Torna-se evidente a necessidade de práticas pedagógicas voltadas para a realidade do sertanejo, valorizando seus aspectos culturais, regionais, sociais e políticos. Nesta perspectiva o futuro licenciado em ciências biológicas traz consigo uma missão de grande valor, focando na desmistificação do semiárido, assim como do cidadão que habita esta região, mas também objetiva encontrar alternativas

de ensino-aprendizagem que consiga aproximar o ensino de ciências a convivência no semiárido.

Palavras chave: convivência com semiárido; educação contextualizada; ensino de ciências.

1 – Introdução

A disciplina ciências naturais para o ensino de primeiro grau foi homologada no currículo escolar nacional desde lei da LDB 4.024/61. Como a LDB/96, lei 9.394/96, determina que o ensino de ciências no ensino básico deve ser através de licenciados em nível superior. A partir desta exigência foi necessário estabelecer um prazo de adaptação, o qual ficou estabelecido em dez anos para o sistema educacional.

Diante disto destaca-se a necessidade de políticas públicas de ampliação da formação inicial e continuada, voltadas para o ensino de ciências, agregando a adequação metodológica e novas tecnologias. Já que, uma parte significativa dos professores que já lecionavam as disciplinas de ciências e biologia, não possuíam a formação exigida por lei, além disto, faz-se necessário encontrar uma maneira que estas formações alcançassem os profissionais que não estão localizados nos grandes centros urbanos.

Neste contexto, o governo federal por meio do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica ^[1] com o Programa de Formação Nacional de Professores (Parfor) propôs metodologias para equacionar e equilibrar esta situação por meio de cursos de licenciatura para professores com nível superior, mas que lecionam disciplinas diferentes da sua formação e para professores com bacharelado.

Neste contexto, surge o Polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB), no município de Juazeiro-Ba que está localizado no Semiárido brasileiro, no território do Rio São Francisco, o qual possui o curso de formação pedagógica em ciências biológicas na modalidade educação à distância (EaD), voltado para os profissionais da educação e de outras áreas.

Os polos presenciais viabilizam a expansão da educação superior, constituindo uma referência para os estudantes, fortalecendo os sentidos de

pertencimento às instituições de ensino superior (IES). Portanto os elementos fundamentais das interações entre os polos e as IES recaem sobre a reflexão acerca das necessidades e expectativas dos estudantes, prevendo a consideração das demandas locais e das características culturais dos municípios no processo pedagógico [2].

O Semiárido do nordeste brasileiro é caracterizado por apresentar um alto índice de pobreza e dificuldade de acesso à água, porém vale ressaltar as suas potencialidades tanto para áreas turísticas, como para a produção de alimentos e a caprinovinocultura. Os problemas vivenciados nesta região não estão ligados somente às questões climáticas e ambientais, mas principalmente, aos problemas sócio-políticos.

Ao criar uma visão de pobreza que vigora na ideia e no imaginário social da população do Brasil, levando-se, equivocadamente, a compreender esta região pela representação da fome e da miséria. Quando se fala em seca, a imprensa nacional fala exatamente das regiões do agreste, onde, muitas vezes, se cria o gado e logo na primeira falta de chuva, o gado morre. O que aparece na imprensa nacional não é o bode, sobrevivendo, resistindo às adversidades do clima e mantendo as famílias nesta localidade, mas sim do bovino, que, inapropriado para a região, continua sendo criado sem se levar em consideração as condições climáticas e a adaptabilidade desses animais às especificidades da semiaridez. Essa imagem foi criada para favorecer uma elite brasileira, sendo preciso envidar esforços na tentativa de romper com esse cenário da artificialidade. Essa é uma das construções humanas que precisa ser desconstruída, pois esse ranço cultural reacionário contribui para a fabricação de “uma identidade de inclinação despótica” [3].

A educação desenvolvida no semiárido é sustentada sobre valores e concepções equivocadas sobre a realidade da região. Uma educação que reproduz uma ideologia preconceituosa e estereotipada que reforça a representação do semiárido como espaço de pobreza e improdutividade, negando todo o potencial dessa região e de seu povo [4].

Desta forma, este artigo busca traçar um perfil do discente do curso de formação pedagógica em ciências biológicas no Polo UAB Juazeiro-Ba, e

abordar suas possíveis contribuições para uma educação voltada para a convivência com o Semiárido.

2 - Perfil dos discentes

Mapear o perfil dos discentes do curso de formação pedagógica em ciências biológicas permite encontrar estratégias para auxiliar na expansão dos cursos EaD e no desenvolvimento educacional dos alunos. Foi realizada uma abordagem qualiquantitativa, na qual utilizou como instrumento de coleta de informação, um questionário aplicado com entrevistas individuais aos alunos matriculados nos cursos de formação pedagógica em biologia do Polo UAB Juazeiro-BA. O instrumento prezou pelo sigilo da identidade do aluno. A entrevista contemplou questões objetivas e subjetivas.

A partir das informações geradas, os dados foram tabulados em planilhas do Excel 2007, sendo entrevistados 78,5% dos alunos matriculados.

Assim, observou-se que 63,8% dos alunos pertencem ao sexo feminino, enquanto que 36,2% são do sexo masculino. Esta informação é corroborada pelo aumento da participação da mulher no mercado de trabalho e sua busca por maior qualificação profissional.

Em relação à faixa etária, existe a predominância da faixa etária entre 20-30 anos e 31-40 anos, correspondendo a 72,8%, e 18,2% pertence a faixa entre 41-50 anos. Geralmente estes alunos já possuem família constituída, a flexibilidade de tempo e a mobilidade de estudo do curso permite que estes, na sua maioria do sexo feminino, possam adequar o ritmo de estudo, as atividades do trabalho e suas atribuições relacionadas à família e a outras esferas da sua vida.

Quanto à formação acadêmica, 66,7% possuem graduação em pedagogia. Estes discentes já realizaram algum tipo de formação continuada, pois 63,6% possuem pós-graduação.

Nesta perspectiva pode-se ressaltar o papel político-social da EaD, ao interiorizar a universidade, garantindo a formação continuada de qualidade aos indivíduos que residem distantes de grandes centros.

De modo geral, estes professores lecionam em mais de um segmento da educação, neste trabalho detectou-se que estes lecionam tanto para as series finais do ensino fundamental quanto para o ensino médio, correspondendo respectivamente, 57,1 e 28,6%. Além disto, ministram aulas em mais de uma disciplina, 27,6% são professores de biologia e/ou ciências, 16,7% lecionam a disciplina de artes visuais e 11,1% ministram aulas de química, física e matemática.

Quanto ao acesso a internet e conhecimento sobre informática, 100% dos alunos declararam possuir computador e/ou notebook em casa, e 72,7% informaram que seus conhecimentos em informática são bons, porém 13,8% ainda necessitam de ajuda ao acessar a internet. E seus acessos à internet ocorrem na maioria das vezes em sua própria casa, 78,6%, porém 14,3% declararam acessar no trabalho. Permitindo adequação às suas agendas individuais em relação ao horário e tempo de trabalho.

Antes do iniciar o curso somente 54,5% dos alunos participavam de fóruns e/ou listas de discussão, após 10 meses de cursos 90,9% dos alunos participam de fóruns e/ou listas de discussão. Percebe-se que o aluno está mais envolvido com a aquisição de novas informações e ferramentas da internet.

O desenvolvimento e a aplicação de novas abordagens educacionais, via internet podem contribuir para complementar o ensino, além de criar a possibilidade de enriquecer o processo ensino-aprendizagem, progressivamente incorporando novas tecnologias e recursos com modalidade de ensino que sejam mais afinadas com as necessidades educacionais e profissionais [5].

Já ao analisar o nível de satisfação em relação ao curso 45,5% declaram como bom o seu nível de satisfação e 45,5% declaram como ótimo. Além disto, foi questionado o quanto os alunos consideravam que o curso de formação pedagógica estava agregando novos conhecimentos, neste aspecto 63,6% reconheceram que o curso está agregando conhecimentos novos, contra 36,4% afirmaram que o curso está acrescentando uma parte de conhecimentos.

3 – Ensino de ciências para a convivência com o Semiárido

Segundo ^[6] Lima nas escolas espalhadas pelo sertão nordestino, poucos são os debates desenvolvidos pelos profissionais da educação acerca das práticas curriculares, bem como os conteúdos culturais, políticos e sociais que são veiculados de forma explícita e/ou oculta através das práticas pedagógicas dos professores.

Conforme ^[7] Farias e Pinheiro a educação contextualizada para a Convivência com o Semiárido se caracteriza, portanto, pela evidência dos diversos e múltiplos sabores e saberes do Semiárido. O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, produz identidades individuais e sociais particulares ^[8].

Torna-se evidente a necessidade de práticas pedagógicas voltadas para a realidade do sertanejo, valorizando seus aspectos culturais, regionais, sociais e políticos. Nesta perspectiva o futuro licenciado em ciências biológicas traz consigo uma missão de grande valor, focar na desmistificação do semiárido, assim como do cidadão que habita esta região, mas além disso, também encontrar alternativas de ensino-aprendizagem que consigam aproximar o ensino de ciências a convivência do semiárido, de modo significativo.

Desta forma caberá a este aluno ressaltar e valorizar as potencialidades desta região, a diversidade de microclimas existentes que permitem usar uma diversidade de culturas de vegetais, os atributos da agricultura familiar que abastecem o mercado consumidor de alimentos, o uso de plantas e animais adaptados às condições climáticas. A abordagem das limitações também se faz fundamental, buscando solucionar problemas, como encontrar alternativas variadas de captação e armazenamento dos recursos hídricos.

Para tal, será necessária uma mudança de hábitos, especialmente porque já é sabido que esta não é uma tarefa fácil, já que são conhecimentos repassados ao longo de diversas gerações. Porém quanto mais parcerias o

ambiente escolar se propuser, com organizações não-governamentais, universidades e associações, poderão ajudar a inserir novas atitudes e ideias que possam ser incorporadas pelas comunidades.

A educação contextualizada possibilitou que práticas que aportavam outros tipos de conhecimentos (para além dos espaços escolares) saíssem da marginalidade e alcançassem formalmente o currículo da escola configurando um movimento inverso na definição dos conteúdos e nos modos de aprender e ensinar. Abriu-se o diálogo da escola com as práticas sociais das comunidades, fazendo - a enxergar os sujeitos sociais em suas capacidades de produção, não apenas escolar, mas, em suas práticas econômicas, cultural, política onde se produzem constantemente, um sem número de conhecimentos relevantes na invenção de outros processos de vida (Souza)^[9]

Á medida que o sujeito conhece sua história e da sua região, percebe a proximidade destes elementos na sua vida, passa a valorizar, ainda mais, procurando formas de melhorar e novos ângulos surgem diante das adversidades tão comuns, como a seca e as dificuldades econômicas, a intervenção nesta realidade torna-se algo viável, real e eficaz.

O segredo da convivência está em compreender como o clima funciona e adequar-se a ele. Não se trata mais de “acabar com a seca”, mas de adaptar-se de forma inteligente. É preciso interferir no ambiente, é claro, mas respeitando as leis de um ecossistema que, embora frágil, tem riquezas surpreendentes (Malvezzi)^[10].

É necessário que ao se pensar em convivência com o semiárido o professor esteja aberto a transformar os seus próprios conceitos, procurando aprender para auxiliar o aluno, tornando os dois investigadores/pesquisadores e transformadores da sua realidade, a reflexão sobre sua prática docente atrás um novo desafio.

O aluno do curso de formação pedagógica em ciências biológicas possuirá uma formação que envolve o conhecimento e a valorização de todos os seres vivos, terão como missão maior interligar este conhecimento as necessidades do sertão e do povo que ali vive. Neste sentido, deverá buscar fomentar o combate à pobreza, a convivência dos seus alunos aos ambientes em que estão inseridos, o desenvolvimento econômico de cada região com a

valorização dos produtos dispostos, a prevenção ao êxodo rural, valorização do sujeito e a desmistificação do Semiárido.

Referências

- [1] BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Normativa n°. 09 de julho de 2009. Institui o Plano Nacional da Educação Básica. **Diário Oficial da União**. Impresso no dia 01 jul. 2009.
- [2] PINHO, D. S.; GARCIA, N.M.; ESPERANÇA, J.A.; HARTWING, C.A. Contribuições do núcleo de apoio aos pólos Para a gestão em ead. ESUD 2011 – VIII Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. Ouro Preto, 3 – 5 de outubro de 2011 – UNIREDE. 2011.
- [3] REIS, E.S. Educação para a convivência com o semiárido: desafios e possibilidades. In: Semiárido Piauiense: Educação e Contexto. (Orgs) SILVA, C. M.S.; LIMA, E. S.; CANTALICE, M.L.; ALENCAR, M.T.; SILVA, W.A.L.. INSA. Campina Grande: 2010.
- [4] MATTOS, B. ; KUSTER, A.(orgs). Educação no contexto do semi-árido brasileiro. Fortaleza: Fundação Konrad Adenaeur, 2004.
- [5] BARBOSA, S. F. F.; MARIN, H. F. Simulação baseada na web: uma ferramenta ao ensino em enfermagem em terapia intensiva. Revista Latino Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 7-13, jan./fev. 2009.
- [6] LIMA, E. S. O currículo como espaço de diálogo entre as diversidades socioculturais do semiárido. In: Semiárido Piauiense: Educação e Contexto. (Orgs) SILVA, C. M.S.; LIMA, E. S.; CANTALICE, M.L.; ALENCAR, M.T.; SILVA, W.A.L.. INSA. Campina Grande: 2010.
- [7] FARIAS, A.E.M.; PINHEIRO, J.N. Educação para a convivência com o semiárido: contribuições para o ensino de história. Revista Homem, Espaço e Tempo, setembro de 2011.
- [8] MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1994.
- [9] MALVEZZI, Roberto. Semi-árido: Uma Visão Holística. Brasília: Confea, 2007. 140p.
- [10] SOUZA, I. A gestão da educação contextualizada no semiárido: questões para debate. Cadernos de estudos sociais. Recife-PE, v. 27, nº1. 2012.